

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Christian Zacharias piano e direcção musical

19 Mai 2023 · 21:00 Sala Suggia

TRIBUTO A HELENA SÁ E COSTA

ANO ALEMANHA



casa da música

FUNDADOR GOLD





Maestro Christian Zacharias sobre o programa do concerto.

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL ANO ALEMANHA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

1ª PARTE

## Johannes Brahms

Serenata n.º 2 em Lá maior, para pequena orquestra, op. 16 (1859; c.30min)

1. Allegro moderato
2. Scherzo: Vivace
3. Adagio non troppo
4. Quasi Menuetto
5. Rondo: Allegro

## Robert Schumann

Introdução e Allegro appassionato, para piano e orquestra

(Peça de concerto, op. 92) (1849; c.15min)

---

2ª PARTE

## Robert Schumann

Sinfonia n.º 4 em Ré menor, op. 120 (1841, rev.1851; c.30min)

1. Ziemlich langsam — Lebhaft [Bastante lento — Vivo]
2. Romance: Ziemlich langsam [Bastante lento]
3. Scherzo: Lebhaft [Vivo]
4. Langsam — Lebhaft [Lento — Vivo]

O musicólogo Hugh Macdonald publicou em 2012 um ensaio, intitulado *Music in 1853: The Biography of a Year*, onde descreve em pormenor uma parte da vida musical desse ano, em grande medida protagonizada pelos dois músicos que figuram no programa deste concerto: **Johannes Brahms** (1833-1897) e **Robert Schumann** (1810-1856). O livro de Macdonald arranca com a despedida de Brahms da casa dos pais em Hamburgo e também relata o seu encontro com os Schumann no mês de Outubro do mesmo ano. “Este mês — registou Clara no seu diário — trouxe-nos a maravilhosa aparição do compositor Brahms, de 20 anos, de Hamburgo. Mais um que vem como que enviado por Deus! Tocou para nós, de forma magistral, sonatas, scherzos, etc., todos cheios de imaginação exuberante, profundidade de sentimento. Robert não consegue pensar em nada para lhe dizer que deva tirar ou acrescentar.” Por seu lado, o marido de Clara declarou publicamente o entusiasmo que sentia, nas páginas da sua revista: “Pensei que (...) apareceria de repente o músico que seria chamado a encarnar de forma ideal a mais alta expressão da época” — escreveu — “e chegou Alguém com sangue jovem, em cujo berço velaram graças e heróis. O seu nome é Johannes Brahms.” Este encontro teve, de facto, efeitos duradouros na vida dos implicados. Assim, após o falecimento de Robert, a amizade entre Clara e Johannes prolongou-se durante mais de quatro décadas.

Clara é, aliás, um elemento comum às três obras deste programa. Foi a dedicatária da *Serenata n.º 2* de Brahms e da *Introdução e Allegro appassionato* op. 92, escrita no fecundo ano de 1849, e a terceira das composições que Schumann escreveu para ela como pianista. As anteriores foram o *Quinteto com piano em Mi bemol maior* op. 44 (1842) e o *Concerto para*

*piano e orquestra* op. 54 (1841/45). Têm sido ainda assinalados os paralelismos existentes entre a *Sinfonia n.º 4* e o único concerto para piano que Clara escreveu em 1835, ainda adolescente. Ambas as obras partilham o carácter quase rapsódico em combinação com um complexo trabalho de integração motívica.

Costuma acontecer que as preferências partilhadas por um grupo são reforçadas por aquilo a que se opõem, tanto do ponto de vista das relações humanas como, neste caso, das opções tomadas no domínio artístico. O saxofonista, improvisador e compositor inglês John Butcher, nascido em 1954, descreveu directamente, quase com rudeza, as disputas que esta dinâmica costuma gerar no campo musical: “O facto de eu não escolher fazer o mesmo que tu fazes implica que não o valorizo. A minha actividade questiona o valor da tua actividade e é isto que informa o pensamento e as decisões musicais.” Assim, por exemplo, quando Schumann, em 1853, assinou o famoso artigo “*Neue Bahnen*” (“*Novas vias*”), onde elogiou Brahms, estava a projectar sobre o jovem músico a sua discordância com a reforma musical wagneriana. Estava também a defender a sua própria posição enquanto maestro e compositor, reagindo perante o silêncio ao qual a crítica tinha votado a sua actividade musical que, portanto, tinha ficado invisibilizada. A desconfiança para com o outro “partido” musical de que Wagner e Liszt faziam parte datava de anos anteriores e constava de argumentos e emoções em partes iguais. Assim, por exemplo, a primeira versão da sinfonia que será escutada neste concerto ficou eclipsada no concerto de estreia, em Dezembro de 1841, pelo estrondoso sucesso de Liszt, que tocou, no mesmo programa, obras da sua autoria. Anos depois, em 1848, poucos meses antes da composição da *Introdução e Allegro appassionato*, o compositor

húngaro foi o convidado de honra numa *soirée* organizada na casa dos Schumann. Conforme relata John Daverio no clássico estudo *Robert Schumann, Herald of a "New Poetic Era"*, Liszt chegou várias horas atrasado, tocou de forma desleixada alguns trechos do *Carnaval* op. 9, despachou com sarcasmo o citado *Quinteto* op. 44 afirmando que era “demasiado de Leipzig” — ou seja, demasiado provinciano e pouco cosmopolita — e fez ainda comentários desconsiderando Mendelssohn. Chegadas a esse ponto, Schumann exclamou, indignado, antes de abandonar a sala: “Mas quem é que você acha que é para fazer comentários como esses sobre um maestro como Mendelssohn?”. Liszt, longe pedir desculpas, virou-se para Clara nestes termos: “Diga por favor ao seu marido que apenas existe uma pessoa no mundo à qual tolero tratar-me dessa maneira...”. Brahms, por seu turno, herdou o conflito: em 1857, confessou a Clara que tinha “verdadeiro pavor a tudo o que cheira a Liszt”. Três anos depois, em Maio de 1860, foi um dos signatários de um manifesto contra a chamada “Música do Futuro”, em que se considerava que as teorias em que aquela se fundamentava eram “contrárias ao mais profundo espírito da música”.

Porém, seria errado considerar, apenas pelo facto de estarem no “bando contrário” ao liderado pelos “modernos” Wagner e Liszt, que Schumann e Brahms não fossem artistas inovadores ou que as suas composições não tivessem uma dimensão poética que, de forma simplista, parece por vezes identificar-se apenas com a música programática, bem representada nos poemas sinfónicos lisztianos ou na obra de arte total wagneriana. Inclusive uma obra como a segunda *Serenata* de Brahms, que, *a priori*, pareceria pertencer a um género menor e mais apazível do que uma sinfonia ou uma ópera, apresenta elementos

que se vinculam com ambas as questões da novidade e da dimensão poética da música. Certamente, sabe-se que o processo criativo que conduziu à sua conclusão foi uma delícia para o seu autor que, em domínios como a sinfonia ou o concerto para piano, tinha passado por experiências bastante angustiantes como compositor. Esta segunda *Serenata* foi escrita num período em que Brahms disfrutou muito tocando os quintetos de Beethoven e Mozart para piano e sopros. A sua composição prolongou-se entre 1858 e a Primavera de 1859, data em que comentou por carta a Joachim<sup>2</sup> que eram muito raras as ocasiões em que, no passado, lhe tinha dado tanto prazer escrever música. Com as suas palavras, “as notas penetravam em mim de forma amorosa e isso fez-me sentir muito alegre”.

Brahms serve-se nesta obra de estruturas formais que nasceram em séculos passados, mas de forma muito livre, introduzindo momentos de uma notável complexidade harmónica e rítmica que são prenúncio de peças posteriores. Particularmente interessante é o andamento central — que Clara achou “maravilhosamente belo” —, na medida em que é triplamente singular: pela utilização, como referência, de estruturas da música antiga; pela subversão do carácter amável que, *a priori*, se espera de uma serenata; e, finalmente, pelo seu presumível conteúdo poético. Em investigações recentes, este “Adagio non troppo” tem sido analisado tomando em consideração as suas relações intertextuais com outras obras de Brahms, assim como a influência da leitura das obras de E.T.A. Hoffmann e propondo que se trata uma espécie de meditação acerca do fracasso das relações amorosas.

---

<sup>2</sup> [N. E.] Joseph Joachim, influente violinista, amigo de Brahms e do casal Schumann.

A peça de concerto que se inclui neste programa não costuma ouvir-se com a frequência que talvez mereça. A parte de piano deixa entrever, pela sua dificuldade técnica e expressiva, os motivos pelos quais o nome de Clara Schumann faz parte da lista dos pianistas extraordinários da história da música. Nas suas palavras, o instrumento “está entrelaçado com a orquestra até ao ponto em que não se pode imaginar um sem o outro”. Na introdução, esta idílica fusão entre a parte solista e os diferentes naipes atinge momentos de uma beleza mágica que contrasta com o enérgico e por vezes angustiado *Allegro appassionato*. Schumann aborda nesta obra o género concerto em termos sinfónicos, pelo que estaríamos perante mais uma experimentação formal (na linha do que escutaremos na *Sinfonia n.º 4*). Do ponto de vista poético, também esta partitura tem sido vinculada com leituras prévias — neste caso, com a influência que teve em Schumann o *Manfred* de Lord Byron. Como se sabe, Schumann escreveu em 1848 um “poema dramático” inspirado nesta personagem, estreado em 1852 e do qual costuma ouvir-se só a abertura. Na verdade, nos gestos musicais, por vezes quase febris, do *Allegro appassionato* podemos vislumbrar o monólogo da personagem byroniana em perpétuo confronto com os seus demónios interiores, enquanto tenta manter viva a doce imagem da amada — fisicamente ausente — na imaginação.

Finalmente, a *Sinfonia em Ré menor* é outra experimentação formal, em que Schumann estabeleceu ligações entre os andamentos aplicando, no género sinfónico, os procedimentos cíclicos tão característicos da sua música vocal e pianística: o tema introdutório (cordas e fagote, por vezes identificado com a própria Clara) reaparece no segundo andamento; o

tema principal do primeiro andamento regressa no *finale*; o solo de violino da Romanza é citado no Trio do Scherzo, enquanto o próprio Trio é repetido duas vezes. Ou seja, os compassos iniciais contêm, explicitamente ou em germe, muito do material que é utilizado ao longo da obra: por exemplo, no mencionado solo de violino. De facto, o material temático da sinfonia poderia ser considerado uma metamorfose contínua da célula inicial (constituída pelas notas fá—mi—ré—dó susinado—ré, ouvidas nos fagotes, segundos violinos e violas). As transformações operadas por Schumann atingem também a própria forma sonata. Se tomarmos em consideração, por exemplo, o primeiro andamento rápido (“Lebhaft”), podemos observar que este apresenta uma estrutura que faz lembrar a dita forma sonata, mas que, na realidade, se apresenta alterada para obter a desejada continuidade do discurso musical. Há uma breve exposição seguida de uma longa secção de desenvolvimento que conduz ao regresso da tonalidade principal em modo maior, mas que não coincide com a tradicional reexposição. Em vez disso, Schumann oferece-nos nesse ponto um tema de carácter marcadamente melódico, cujo esboço introduz um efeito eficaz de novidade. De forma adicional, Schumann repete esta secção e os quarenta e seis compassos que a precedem, com uma transposição de terceira ascendente como única alteração, como se estivessemos numa espécie de *reprise* da exposição. A importância adquirida pelo novo tema torna-se evidente quando chega o modo maior, pois aí reaparece numa forma ritmicamente variada, com um significado expressivo completamente diferente.

TERESA CASCUDO, 2023

## Christian Zacharias

piano e direção musical

Christian Zacharias destaca-se entre os maestros e pianistas da sua geração como alguém que procura o que está para lá das notas musicais, em interpretações elaboradas, detalhadas e claramente articuladas. Combinando o seu estilo expressivo e profundo com uma personalidade carismática, é reconhecido não só como um dos grandes pianistas e maestros mundiais mas também como pensador musical. A sua carreira floresceu através de inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras do mundo e de vários prémios e gravações.

É maestro convidado principal da Orquestra Ciudad de Granada (desde 2021/22), maestro associado da Orchestre National d'Auvergne (desde 2021/22) e maestro honorário da Filarmónica George Enescu em Bucareste (desde 2020/21).

A música dos períodos clássico e romântico, particularmente Schumann, Brahms, Bruckner, Mozart, Haydn e Beethoven, é central no seu trabalho. Foi convidado a regressar à Orquestra della Svizzera Italiana, à Orquestra Nacional de Toulouse, à Frankfurter Opern- and Museumsorchester e à Filarmónica de Monte Carlo, entre outras. Gosta de complementar os seus programas com obras de compositores mais modernos: Schoenberg, Britten ou Bacewicz.

Ao longo da sua carreira, estabeleceu laços profundos com a St Paul Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Gotemburgo, Bamberg e Boston, a Orquestra de Câmara de Basileia, a Orquestra da Konzerthaus de Berlim, a Filarmónica de Estugarda e a Orquestra Nacional de Lyon.

Christian Zacharias tem agendados recitais para a temporada de 2022/23 em várias metrópoles da Europa, incluindo Paris, Londres, Madrid e Istambul, e nos festivais Schubertiade

e Piano aux Jacobins em Toulouse. Apresenta ainda palestras ao piano sobre assuntos como “Por que Schubert soa a Schubert?” ou “Haydn, uma criação a partir do nada”.

Desenvolve também um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Clemenza di Tito*, *As Bodas de Fígaro* (Mozart) e *La Belle Hélène* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prémio da Europa Francófona 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann — der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo Francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres* e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016, foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como maestro titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, fez gravações que conquistaram a crítica internacional. A integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann.

Entre 2015 e 2021, Christian Zacharias foi presidente do júri do Prémio Clara Haskil e, em 2018, desempenhou o mesmo cargo no Prémio Geza Anda, tendo dirigido o concerto final.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.



**Violino I**

James Dahlgren  
Emanuel Salvador\*  
Radu Ungureanu  
Roumiana Badeva  
Maria Kagan  
Emília Vanguelova  
Ianina Khmelik  
Alan Guimarães  
Andras Burai  
Vadim Feldblioum  
José Despujols  
Vladimir Grinman

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Karolina Andrzejczak  
Catarina Martins  
Domingos Lopes  
Mariana Costa  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev

**Viola**

Mateusz Stasto  
Pedro Meireles  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Francisco Moreira  
Luís Norberto Silva  
Jean-Loup Lecomte  
Helena Leão\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaltdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Hrant Yeranosyan  
Bruno Cardoso

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Nadia Choi  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Carla Rodrigues\*

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Telma Mota\*

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira

**Fagote**

Gavin Hill  
Cândida Nunes

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Diogo Taveira Silva\*

**Tímpanos**

Bruno Costa

\*instrumentistas convidados

# FAÇA UMA NOVA MELODIA COM O SEU IRS

Consigne 0,5% do seu IRS liquidado à Fundação  
Casa da Música e ajude à criação de novas melodias.



saber mais



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

